

Urbano Tavares Rodrigues

Prefácio de JOSÉ NEVES

«Um escritor que
marcou o século XX.»
Manuel Alegre

VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA



cavalo de ferro

ÍNDICE

Prefácio	9
Prefácio do Autor à 3. ^a Edição	17
Palavras de Advertência	19
À Descoberta de Moscovo	23
A Sociedade Colectivista	31
A Harmonia e a Força de Leninegrado	41
A Avozinha em Viagem	53
Do Novo Mundo Siberiano	
ao Fabuloso Oriente Soviético	57
Na Capital do Uzbequistão	69
Contactos Humanos na União Soviética	77
Andrei Rublev	83

PREFÁCIO

A memória dos debates travados em torno da URSS tende a sublinhar a importância das clivagens ideológicas na história do século xx. A forma contundente como a mobilização em defesa do comunismo e a crítica anticomunista do regime soviético se opuseram deixou pouca margem a terceiras vias. Rompendo todo o tipo de vínculos, lançou compatriotas para lados distintos de barricadas, quebrou elos de amizade, minou relações profissionais e chegou a cortar laços familiares. Acresce que a lembrança desta conflituosidade é tanto mais viva quanto mais se acomoda aos interesses políticos de muitos daqueles que se envolvem na disputa do presente. Como se tem visto por estes dias de centenário da Revolução de Outubro, não falta quem enfatize o século de 1917 como uma época de paixões extremas. E se há quem trate de sublimar o radicalismo daquele tempo visando a crítica do consenso liberal que por ora nos hegemoniza, outros há que demonizam esse radicalismo e procuram evitar o regresso de um horizonte de transformação radical da sociedade.

Permitindo-nos voltar ao encontro de um autor que recentemente nos deixou – e que tem sido acarinhado além das fronteiras políticas que a sua trajetória de vida delimitou –, o texto de Urbano Tavares Rodrigues, que em boa hora aqui se reedita, relata uma viagem à URSS efectuada no

início dos anos de 1970. A leitura deste documento permite-nos perceber o século xx como *A Era dos Extremos*, para citarmos o célebre título do livro que o historiador Eric J. Hobsbawm dedicou ao período. Mas a leitura do texto de Urbano também autoriza que o século seja focado à luz de uma outra perspectiva. A esta possibilidade – que assenta na ideia de uma convergência civilizacional entre capitalismo e socialismo a partir do segundo pós-guerra – gostaria de dedicar este breve prefácio.

Não foi preciso cair o Muro de Berlim para que o fogo das paixões ideológicas que animaram o período de entre-guerras abrandasse, esfriado no calculismo das modernas engrenagens administrativas que aparentam tudo despolitizar. Encontramos facilmente sinais de um tal esfriamento quer na história da própria URSS, quer na evolução do capitalismo ocidental. A chamada tese da coexistência pacífica, defendida por Nikita Krushev, é um exemplo concreto desse processo e, mais do que uma simples cedência reformista dos comunistas soviéticos, testemunha uma mudança maior nos termos da relação entre comunismo e capitalismo: a passagem de uma relação de tipo conflitual a uma de tipo competitivo, com o antagonismo ideológico e o confronto político a cederem terreno à concorrência económica e à comparação de indicadores sociais.

E se o esforço de Krushev para instituir o *económico* como critério de superioridade na luta entre

soviéticos e norte-americanos contribuiu para tal passagem, importa igualmente sublinhar a relevância que para ela tiveram as transformações do próprio capitalismo. Com efeito, em vários países ocidentais, no quadro do desenvolvimento de uma atitude preventiva em relação às lutas de classes, houve um incremento da intervenção social do Estado, apurando-se uma forma de governar o antagonismo operário assente mais no controlo do que na disciplina. Tratou-se então de otimizar a repressão política por via da inclusão social. Em suma, dir-se-ia que ao longo da segunda metade do século xx, no enalço da frente aliada que derrotou o nazismo na II Guerra Mundial, o socialismo se revalorizou como sujeito económico e o capitalismo assumiu para si uma função social. Estas mudanças não deixaram de implicar e de reflectir transformações no próprio modo de debater a questão soviética. A proclamação de ideais cedeu terreno à argumentação analítica, numa transição a que não foi estranha a importância política crescente dos serviços e agências estatais de informação, dos órgãos de comunicação social ou ainda das ciências sociais em geral e da economia em particular.

No eco das notícias que os serviços de informação das grandes potências ocidentais foram plantando nas redes de comunicação social no contexto da chamada Guerra Fria, nas lutas pela divulgação do informe que Krushev apresentou ao xx congresso do PCUS denunciando os crimes do estalinismo

ou nas guerras de interpretação de relatórios produzidos pela plêiade de organismos supranacionais situados na órbita da ONU, um mesmo problema foi sendo uma e outra vez formulado: o do conhecimento de uma realidade soviética que estaria coberta pelas vestes ideológicas tecidas pela propaganda comunista (no dizer de uns) ou pelas campanhas anticomunistas (segundo outros). Ou seja, o choque de posições ideológicas em torno da bondade ou malignidade do modelo soviético cedeu terreno a uma batalha de informações em torno da *verdadeira* realidade do próprio modelo.

Neste puzzle, o texto de Urbano é – à primeira vista – uma peça de encaixe simples: tratando de *tomar partido* a favor do comunismo, pretende já *tomar conhecimento* da realidade soviética. Transporta marcas da amizade e fidelidade ideológica do autor ao comunismo, mas também de um processo de inquérito à realidade soviética. Se há um ou outro aspecto da escrita de Urbano que deve ao estilo aventureiro de alguma literatura de viagem, em muitos outros elementos discorre uma linguagem própria de um relatório de avaliação. Procurando dar a conhecer com algum detalhe certos pormenores do funcionamento do regime, o autor comenta aspectos da divisão profissional do trabalho ou do dia-a-dia de instituições públicas no domínio da saúde ou da educação. A esta luz, a URSS aparece menos como um país diferente do que como um país melhor. A vida soviética dá-se aqui menos como exemplo de uma nova direcção para a Humanidade do que o ponto mais avançado da direcção que a

Humanidade vinha já tomando. Como se na relação entre a URSS e o Ocidente estivesse em causa, mais do que um conflito entre civilizações de natureza diferente, a performance competitiva de cada qual, a aferir por critérios económicos e sociais tacitamente aceites por ambas as partes.

Finalmente, é para nós também claro que uma certa sensibilidade romântica de Urbano Tavares Rodrigues acaba por tornar o seu exercício menos previsível do que é permitido supor pela contextualização que temos vindo a efectuar neste prefácio. Uma tal sensibilidade mostra-se à evidência numa ou noutra reserva que exprime a propósito dessa mesma vida soviética: por exemplo, atraído já então por outros regimes e movimentos, nomeadamente latino-americanos, e ciente da interpelação maoista ao marxismo soviético, o nosso autor acusa a ausência de outros comunismos na esfera pública soviética.

A sensibilidade romântica revela-se ainda no tipo de aspiração que em parte projecta o seu relato da vida soviética: esta não é simplesmente mostrada como o estádio mais avançado do progresso social mas também como prova e experiência de um progresso diferente: onde a vida soviética é urbana, nem por isso impera a desordem própria da época das massas, pois que a multidão enche as ruas da cidade sem se atropelar, acorrendo aos transportes públicos para neles entregar o seu tempo à leitura. E se Urbano mostra uma e outra vez como a sociedade soviética tende

a cicatrizar as feridas sociais que o capitalismo abriu em todos os cantos do planeta, igualmente considera que o problema da desigualdade é não apenas uma questão de capital económico mas da própria forma que as relações de poder tomam. A simpatia que revela por uma pedagogia não-autoritária e a crítica do culto da personalidade são disso exemplo, bem como o elogio que dirige, no âmbito do seu foro profissional, à igualdade de estatuto entre escritores e tradutores na URSS.

De resto, se participa da nova ordem informativa e analítica que passa a reger os debates em torno do problema soviético, o texto de Urbano não deixa de se relacionar problemáticamente com ela. As páginas que se seguem estão investidas de uma autoridade de tipo empiricista, com base no princípio metodológico *é-verdade-porque-estive-lá-e-vi-com-os-meus-próprios-olhos*, mas desde o início que Urbano igualmente reconhece não haver observação que não seja subjectiva. Como se a ideologia, uma vez atirada porta fora, logo retornasse pelo friso de uma janela.

José Neves

*Ao Alberto Ferreira e ao Fernando Namora, meus
companheiros de viagem, e também no mesmo abraço de
amizade ao Alexandre Babo, ao Augusto Abelaira, ao
Mário Soares, ao Óscar Lopes*

PREFÁCIO DO AUTOR À 3.^a EDIÇÃO

Em Dezembro de 1973 se acabou de imprimir a 2.^a edição deste livro, condicionado ainda pela autocensura a que, uns mais outros menos, todos nos obrigávamos no tempo do fascismo, mesmo os que nos arriscávamos ao processo e à prisão. Em Fevereiro de 1974 voltei, com as necessárias precauções, ao mundo socialista, para tomar parte no Congresso Mundial da Paz em Sófia, na Bulgária.

Depois, pouco depois, transformou-se toda a nossa vida, deu-se a serena explosão do 25 de Abril, abriram-se as portas das prisões, iniciou-se a descolonização, que tem sido para todos os povos do globo causa de espanto e admiração, devido à autenticidade com que o M. F. A. e o Governo Provisório, vencendo sucessivas — e por vezes rudes — dificuldades e maquinações, se têm empenhado em levar ao poder, nos territórios africanos, as forças verdadeiramente democráticas, num esforço conjunto contra o neo-colonialismo e contra o imperialismo. Em Portugal, não estão ainda asseguradas todas as condições que garantam às classes trabalhadoras a liberdade económica. Continuamos, num clima, é certo, de ampla liberdade política, a lutar contra a ditadura, menos aparente, dos monopólios, da banca privada e dos latifúndios. E confiamos na vitória do povo. As tarefas políticas do momento (e por tarefa política entendo tudo o que respeita à reconstrução e dignificação do nosso País) são tão prementes que me seria impossível acrescentar ou reescrever este livro,

que, decerto, carecia de um aprofundamento na análise e de um enriquecimento na informação. As coisas são como são. Há exigências prioritárias que me absorvem e nem sequer posso imaginar o dia em que começarei a escrever o romance, todavia para mim urgente, que os acontecimentos deste ano de 1974 (que nas nossas vidas conta por dez anos e no-los tira, sem embargo da alegria infinita que nos trouxe) têm vindo a depositar e a sedimentar no meu subconsciente, na zona onde, radical e nuamente, me confronto com os outros e comigo.

A direcção em que o livro apontava já bem claramente à data da 1.^a publicação — e que hoje podemos, e devemos, proclamar bem alto em Portugal — era o combate à exploração do homem pelo homem, com vista à construção da sociedade sem classes na qual se extinga não só a opressão do capital como também, e a partir daí, as próprias relações de poder entre os indivíduos.

Urbano Tavares Rodrigues

PALAVRAS DE ADVERTÊNCIA

Não tenho, nem de longe, ao publicar este livro, a pretensão de conhecer bem a União Soviética. Limito-me a transmitir um pouco do que vi, ouvi, li, senti (e não se evaporou) numa viagem de três semanas — de Moscovo e Leninegrado à Sibéria Oriental e à Ásia Central. Informações forçosamente limitadas, impressões forçosamente subjectivas. Nem há observação que não seja subjectiva.

Não desejo pois impor opiniões nem afirmar certezas. Estive na União Soviética, interroguei muita gente, até fiz as perguntas incómodas, procurei olhar com olhos de ver. No montão de imagens, factos, números, emoções que terei deixado nestas páginas pode haver certos deslumbra-mentos. É natural. Encontrei uma sociedade que se me afigura efectivamente igualitária, segundo o modelo de produção socialista e a psique russa, os gostos, os hábitos, a moral de um povo que a revolução transformou, mas não fez nascer do zero.

É certo que só me foi dado — ou quase — reconhecer da União Soviética a face clara — a do progresso científico e técnico, do espírito colectivista, do amor ao bem comum, da cordialidade e da ordem — de uma ordem por detrás da qual não surge o espectro da violência policial.

Na URSS, apesar do pluralismo estético e da diversificação temática da literatura, não penetram ainda os jornais estrangeiros portadores de uma ideologia contrária nem das posições doutrinárias de alguns outros comunismos.

A índole do povo é expansiva, houve quem me falasse de mil e uma coisas, da paz, da amizade, do internacionalismo, encontrei quem criticasse as peças da máquina, não quem pusesse em causa o modelo soviético do socialismo. Todos aqueles com quem convivi se orgulhavam das realizações soviéticas e acreditavam no futuro — no seu e no da humanidade. Não ponho, todavia, em dúvida, a existência provável de uma contestação dentro do sistema. Creio mesmo que nas próximas décadas haverá que aceitar e desejar, nas democracias socialistas, a presença dessa contestação, como garantia de crítica e da autenticidade do processo dialéctico.

De resto, a admiração que sinto pela URSS, por esse mundo imenso onde a justiça social se realizou, com todas as imperfeições inerentes à espécie humana e de onde foi revogado enfim o culto da personalidade, onde a liberdade do indivíduo — assim o julgo — terá de afirmar-se cada vez mais, essa minha admiração não tem o cunho das cegas adorações. Suponho que sei divisar o carácter episódico, na perspectiva histórica, dos erros ou mesmo dos crimes que esta construção custou e o que deles talvez ainda remanesça. Mas vejo no mundo capitalista os direitos da maioria ofendidos e calcados por aqueles que usam os outros homens como servos ou como utensílios. E comparo. E depois, penso sobretudo que nunca se copia uma experiência do passado. Que a transformação do mundo, na sua irreversível viragem para o socialismo, envolve bem diversas mutações e dá nascença a formas novas e fascinantes de vida em comum. Considere-se que onde mais forte for a ânsia de liberdade, assente em tradições culturais que a favoreçam, mais próxima da totalidade será a libertação dos homens.

Quer isto dizer que não pode deixar de conceber-se para cada nação um modelo de socialismo conforme com a sua história, as suas condições geoeconómicas e sociais, o grau de hominização e a volição política do seu povo.

Nada disto retira à União Soviética a minha estima profunda nem me afasta da minha confiança no futuro pluralismo do socialismo marxista, que deixei expresso no ensaio «Um Conceito de Liberdade». Quer se trate de partidos de esquerda ou de vigilantes correntes de opinião que em todas as circunstâncias assegurem a democracia de base.

E vai começar o livro, este punhado de sensações, histórias, descrições, com que não tenciono converter-vos, mas tão-só comunicar convosco e reviver o tempo da viagem¹.

U. T. R.

¹ Estavam já no prelo estas páginas quando veio a lume o lúcido e documentado ensaio de Óscar Lopes, «Convite para a URSS», a cuja honestidade e precisão aqui presto homenagem. As crónicas neste livro compiladas foram inicialmente escritas para jornal, o que as condiciona, e estão longe de abraçar o muito que na viagem arrecadei e que, com o tempo, irei depurando, reflectindo e, assim o espero, dizendo.

À DESCOBERTA DE MOSCOVO

Por várias vezes, de manhã, cerca das sete horas — já Moscovo havia acordado, perfilavam-se homens vestidos quase de igual (com aquelas ligeiras gabardinas de meia-estação feitas em série) junto às paragens dos autocarros, o trabalho principiava por todo o lado na imensa capital dos Estados da União Soviética — ia eu, com um vento ainda frio a bater-me no rosto, até à Praça Vermelha, que desde o primeiro instante me atraiu como um sortilégio, talvez por causa desse tom intensamente vermelho que lhe dá nome e beleza (*Krasnaïa*, vermelha, significava em antigo eslavo «bela»), pela visão das ardentes cúpulas de ouro do Kremlin (das basílicas do Arcanjo Miguel, da Anunciação e da Assunção), do febril campanário de Ivan, o Grande. Cá fora o Mausoléu de Lenine, sempre com uma extensíssima e serena bicha de visitantes vindos de todos os pontos do mundo (e só por si a URSS é já um mundo imenso), mais perto de mim o adivinhado contacto de veludo dos bolbos da Catedral de São Basílio — verde e laranja, azul e rosa —, as escamas da pedra, os arcos, os mármore, obra sem par da joalharia arquitectónica russa do século XVI, sempre fascinante, com sibilinas vibrações de luz, súbitas laminações nas cruzes ortodoxas, na torre do centro, cuja última estrutura, piramidal, é rematada também por uma cúpula menor e mais rebrilhante, se possível.

Onde é que experimentei assim um amor à primeira vista, tão intenso, por um local de história e de presente, vivo e carregado de cultura, de força, de apelo? Talvez em Florença... Sim, em Florença e em Veneza. Na Praça Vermelha está toda a psique de um povo, estão os monumentos fabulosos de que nenhum postal ou filme, por mais rico plasticamente, deixa supor o vigor e a envolvimento, estão séculos inapagáveis de história, a «Santa Rússia» de outrora, a Revolução, a sociedade socialista de hoje, a memória da guerra, a fé no amanhã, tudo.

Ou sonha-se, interpreta-se, adivinha-se. Chegamos com a cabeça cheia de ideias. Agora começamos a ver, a ouvir, atentamente, com curiosidade, apaixonadamente.

Pelas ruas de Moscovo

Andei em Moscovo de automóvel, a pé, de metro, acompanhado ou só, liberrimamente, ao sabor da minha fantasia ou em visitas guiadas, quer com Sacha Denissov, funcionário da Casa da Amizade, que falava um francês impecável, quer com Elena Wolf, professora universitária de língua portuguesa (está preparando a sua ascensão à cátedra com uma dissertação sobre os pronomes), quer com Elena Riauzowa, tradutora de Fernando Namora e de diversos outros autores portugueses, entre os quais, com surpresa, descobri que estava incluído.

Aos sábados e aos domingos não se trabalha na União Soviética. Animam-se agora, na Primavera,

as praias artificiais (em lagos ou piscinas) dos arredores de Moscovo, os esguios bosques de álamos e de brancas bétulas tremulantes; a enorme cidade, cheia de espaços verdes, adquire uma calma imponente e um pouco fria, a população foge para os campos, para os jardins dos palácios-museus (o amor da floresta, da natureza, dos frutos tem sido incutido às novas gerações: ser-me-ia dado, aliás, assistir dias depois, em Leninegrado, à plantação de árvores, numa vasta praça, por um sorridente grupo de «pioneiros»). Embora já haja alguns engarrafamentos em Moscovo e até nas vias de acesso à capital, pejudadas de camiões (o camião, a que se deu prioridade nos anos mais duros da construção socialista, pode considerar-se um dos símbolos da URSS), a vida em Moscovo não é frenética. Percorri diversas linhas do fantástico metropolitano, verdadeira cidade subterrânea, com séries múltiplas de escadas rolantes por onde a multidão ordeiramente, sem ruído, passa em grande caudal. Gente correcta, sem cerimónias nem atropelos. Pelo traje não se distinguem os estratos profissionais. Só pela expressão (e mesmo assim acontece, aconteceu-me, tomar uma estudante universitária por mecanógrafa e uma operária por bailarina numa loja da Perspectiva Kalinine).

«Não temos ainda todos os problemas resolvidos», ouvi dizer por mais de uma vez. «Há quem suponha vir encontrar aqui o paraíso e estamos apenas no início do socialismo da abundância. Mas já surgiu uma nova humanidade.»

Os soviéticos são esplêndidos leitores. Já não é novidade para ninguém — e pude confirmá-lo — que tiragens de 300 000 exemplares se esgotam rapidamente na União Soviética. Surpreendi ao vivo o engodo pela edição nas livrarias da Rua Gorki. Tal é evidentemente a resultante importância capital que na União Soviética se atribui ao desenvolvimento da cultura, estimulada e tornada acessível a todos. Entra-se em qualquer livraria, e logo se observa o movimento de procura e oferta (falei, em inglês e em espanhol, com vendedoras licenciadas respectivamente naquelas línguas e literaturas). Basta até reparar nas bancas com livros que vão vertiginosamente desaparecendo à entrada do metropolitano ou noutras locais de Moscovo. Basta atentar nas pessoas que ocupam o tempo a ler nos transportes públicos (as deslocações mais longas são apenas de cerca de 45 minutos numa cidade de mais de vinte quilómetros de extensão) para avaliar o alcance e a profundidade dessa vivência literária. Porque também o leitor faz o escritor.

Sobre assistência e habitação

Da medicina na URSS falarei mais adiante e mais de espaço, com directo conhecimento de causa, porque estive doente na Ásia Central e aí pude olhar por dentro a formidável máquina de uma assistência médica que procura combater a auto-cura e a consequente viciação do indivíduo em

drogas farmacológicas. Choca-nos, de início, a tutela que o médico exerce sobre o doente. Exagerando um pouco, diríamos que, uma vez que o trata, não deixa mais de o vigiar. Mas essa vigilância tem o seu cunho paternalisticamente afectivo. Depois, considere-se: qualquer paciente é submetido, para efeito de diagnóstico, às mais complexas análises, sem que isso represente para ele a menor despesa nem para o médico o inevitável constrangimento ante o cliente que talvez não possa pagar. É um outro mundo, de onde, sejam quais forem as barreiras a vencer ainda para a harmonia e a felicidade (possíveis na existência), a angústia da velhice desvalida e da enfermidade desapareceram. Onde, se é impossível determinar o número dos felizes, se pode assegurar que diminui espontaneamente a quantidade dos infelizes.

Não há asilos, refúgios, casas de beneficência. Actualmente na URSS estão reformados pelo Estado e pelos *colcozes* (com cerca de 75% do ordenado) mais de 45 milhões de pessoas, quer dizer, uma em cada seis. Nem os operários nem os camponeses dos *colcozes* ou *soucozes* nem os empregados têm quaisquer descontos ou pagam seguros sociais. De 1941 a 1970 aumentaram cinquenta vezes as quantias das reformas e pensões, tendo decuplicado o número dos beneficiários. E esta cobertura abrange os casos não só de velhice e de invalidez, como de perda do familiar que angariava o sustento do lar, parto, tratamento de longas doenças, recuperação de diminuídos físicos (quando seja da sua vontade continuarem a

trabalhar). Sobre a gestão da segurança social poderia escrever-se um tratado.² Diga-se, pelo menos, o que cabe aos próprios trabalhadores, através de organizações sociais e muito especialmente dos sindicatos. Os reformados que queiram manter-se em actividade acumulam a reforma e o salário. É uma justa compensação da decadência da velhice.

Uma amiga soviética convidou-me, em Moscovo, para jantar em sua casa. Efectivamente sua, pois está-a comprando, através da sua cooperativa, com aproximadamente um quinto do ordenado (as prestações espriam-se por quinze anos). As rendas normais, pagas ao Estado, são irrisórias, na ordem dos 200 ou 250\$00 da nossa moeda.

Muitos turistas estrangeiros notam, com desagrado, que os artigos de consumo não atingiram ainda o apuro e o requinte que são correntes nos países desenvolvidos do Ocidente. E é facto que eu próprio pude auscultar a atracção que os soviéticos experimentam pelas roupas elegantes ou pelos electrodomésticos mais vistosos. «Queremos ter o mesmo que vocês e havemos de tê-lo em breve.» Este «vocês», obviamente, refere-se a alguns tantos, aos efectivos beneficiários das sociedades de consumo. E há que compreender a diferença entre um mercado competitivo, onde se destroem *stocks* de mercadorias, para vender outras mais modernas, e um mercado planificado, onde se esgotam os *stocks*,

2 Só os celibatários são tributados, em favor das famílias numerosas.

porque não se concebe o desperdício. Daí a moda sempre em atraso uns anos na URSS. Mas será isso assim tão importante?

Depois da guerra o problema da habitação era ainda dramático em Moscovo e em Leninegrado. Contavam-se os metros quadrados. E ainda hoje se atende ao número de filhos para a concessão dos alojamentos. Porém, em vinte anos, de 1951 a 1970, 150 milhões de pessoas obtiveram casas novas e 45 milhões passaram a viver em condições mais folgadas e em edifícios reparados. Desse modo, quatro quintos da população da URSS melhorou tanto que, segundo a informação geral, o descongestionamento das casas é já praticamente um facto consumado. Dez a onze milhões de pessoas continuam, todavia, anualmente, a alargar o seu espaço doméstico. Oito mil famílias por dia mudaram assim de casa.

O pré-fabricado torna-se quase sempre feio. Contudo, no centro de Moscovo a arquitectura contemporânea monumental, sobretudo na Perspectiva Kalinine, por vezes já à base de aço e cristal, é funcional e mesmo bela, e combina-se equilibradamente com o classicismo um tanto retórico de conjuntos como o da Biblioteca Lenine. O estilo ascensional do Ministério do Interior, de um babilónico prédio de apartamentos e do Hotel Ucrânia, que se elevam sobre a cidade como baleados marcos de referência, integra-se no insólito clima estético de Moscovo.

«Estávamos quase a aterrar em Irkutsk; já sem saber que mais havia de fazer por mim, abriu a mala de mão, tirou de lá uma *matrioshka* — sabem, uma daquelas bonequitas mágicas que se desenroscam e se desmultiplicam em quatro ou cinco figurinhas sempre menores — e, com o seu melhor sorriso de despedida, muito lavado e muito amigo, fechou-ma na mão. Era impossível recusar.

— Que seja muito feliz! — disse-lhe eu, já os reactores tinham parado e começávamos todos a levantar-nos.

— Mas eu sou muito feliz! — afirmou convictamente.

Não me recordo de ter ouvido a alguém até hoje esta mesma frase, com aquela acentuação eufórica de quem ama a vida e a encontra, ou a modela, a seu pleno gosto.»

**«Mestre de escrita, de coragem, de profissionalismo,
de companheirismo, de humanidade, de espírito de
conciliação para além de todo o sectarismo (...)
O Urbano Tavares Rodrigues foi uma lufada de ar
fresco na literatura portuguesa.»**

Mário Cláudio

ISBN 978-989-623-242-9
9 789896 232429



cavalo de ferro

